

# Globalização: Seus Impactos Econômicos Sobre o Homem e a Sociedade

*Yony Sampaio*

## *1. Introdução*

O conceito de globalização que o francês chama de mundialização, aparece com destaque na literatura nos últimos quinze anos. Por globalização ou mundialização entende-se o processo amplo de circulação de informações, de pessoas, de dinheiro e de bens, ignorando as fronteiras dos países, seja os integrados em blocos ou os isolados. Nada melhor caracteriza esta globalização que a Internet, permitindo a conversa simultânea de internautas localizados em diversos continentes, a busca de informações nos sites mais recônditos, a compra de livros recém lançados. Com igual perplexidade assiste-se à veloz circulação de bilhões de dólares entre as bolsas de Londres, Nova Iorque, Hong Kong e São Paulo, sem que existam mecanismos adequados de controle desses fluxos. É a globalização.

Os céticos dessa mundialização apontam para o fenômeno da internacionalização e da expansão das empresas multinacionais no pós guerra como origem do processo atual, havendo uma distinção apenas de escala e não de natureza do processo em si. Os mais históricos buscam no mercantilismo e nas colônias a gênese do processo de interpenetração das economias e das sociedades. Pretende-se mostrar que esses fenômenos são distintos. Pretende-se explorar igualmente alguns impactos econômicos dessa globalização sobre o processo de produção e circulação da riqueza, sobre o

homem e sobre a sociedade. Entender um pouco o fenômeno é o primeiro passo para melhor controlá-lo.

## 2. Os Contornos da Globalização do Ponto de Vista Econômico

Economia fechada, sem troca de recursos e bens, só existe nos livros-texto, sob o rótulo curioso de Economia de Robinson Crusoe. Nenhum país é uma ilha. A troca de bens, inclusive recursos humanos (especializados ou força bruta – escravos) e financeiros (moeda), sempre ocorreu entre os povos desde a mais remota antiguidade. A colonização permitiu a construção de uma nova sociedade por decalque e o controle pleno das colônias pelas metrópoles, em favor destas. Eventuais tratados comerciais com potências mais poderosas, como entre a Inglaterra e Portugal, apenas deslocavam parcialmente os centros de controle. Esse mundo simples de metrópoles e colônias também o era dos produtores de manufaturas versus produtores de minérios e produtos agrícolas, usualmente exportados *in natura*. Houve grandes migrações assim como inversão de recursos estrangeiros na melhoria dos serviços básicos – portos, transportes, saneamento e mais recentemente comunicação e eletricidade, com destaque para o papel desempenhado pela Grã-Bretanha no século XIX.

O fenômeno da internacionalização que se segue aprofunda a interpenetração das economias. A divisão de trabalho assume uma escala quase mundial. As grandes empresas ultrapassam fronteiras não mais exportando bens mas produzindo-os onde for mais conveniente. As tentativas de brechar o processo resultam quase inócuas: as empresas dominam os mercados de fora sem ao menos internalizar os ganhos decorrentes da produção interna.<sup>1</sup> Apesar de os governos mais fracos sofrerem influência direta das grandes

<sup>1</sup> Jean Jacques Servan Schreiber. O desafio Americano.

empresas, o processo ainda permanece sob relativo controle, embora a um custo às vezes bastante elevado. Tentativas de nacionalização das empresas estrangeiras levam quase sempre à estagnação econômica. Embora nenhum país seja uma ilha, as fronteiras são ainda perfeitamente demarcadas. Poucos são cidadãos do mundo que circulam com facilidade pelos diversos continentes. A entrada de capitais externos é relativamente controlada embora a fuga ocorra e movimentem os chamados mercados paralelos com câmbio negro e outras formas de remessas ilegais. A circulação de bens se aprofunda, apesar das barreiras, tarifárias ou não, e as multinacionais dão-se o desprazer de produzir componentes em diversos países. O conceito de fronteira, legal ou econômica, começa a cair.

A grande novidade é o mercado comum. Abolir as fronteiras entre os países do mercado europeu até leva-los a uma moeda comum, o Euro. Muitos países e uma só economia. Neste mercado comum não há restrições ao fluxo de recursos, de pessoas, de produtos, a informação está disponível, a televisão se interliga. O grande desafio está em manter a diversidade em meio à homogeneidade.

O que ocorre quando o conceito de mercado comum pretende-se transplantado para todos os continentes? Primeiro, a desigualdade entre países é imensa. No mercado comum europeu, o processo de integração foi lento, os subsídios para equalização elevados, o investimento em recursos humanos fundamental. Parte-se para a globalização sem qualquer preparo, sem que haja mecanismos supranacionais de controle, como existiu na Europa. Por fim, os mais preparados mantêm seus mecanismos de controle enquanto os mais frágeis são induzidos a uma abertura que nunca tiveram, que pouco entendem e na qual têm participação limitada.

Do ponto de vista econômico, a globalização implica informação imediata e simultânea. As TV's por satélite e a cabo e a

Internet dão a falsa ilusão que já se vive em um mesmo mundo. Nada mais falso. Implica circulação livre das pessoas. E aí começa a primeira desilusão: nem todos são aceitos para circular em qualquer país. As fronteiras para migração são mais fechadas que no passado. Implica a livre circulação dos capitais. Seu significado ainda está para ser visto. Implica enfim a livre circulação de bens: embora haja compromissos e esteja finalmente criada a Organização Mundial do Comércio – OMC, há inúmeras barreiras tarifárias e não tarifárias, em torno das quais manifestam-se poderosos interesses que explodem no conflituoso encontro de Seattle em 1999.

Este trabalho enfocará três áreas principais: 1. O comércio internacional de bens e serviços; 2. As migrações internacionais; 3. O mercado de capitais de risco. Estes são três dos principais problemas para a globalização.

### 3. O Comércio Internacional de Bens e Serviços

O comércio mundial tem crescido a taxas elevadas. Em conseqüência, ocorre acelerada uniformização na oferta de bens, um fenômeno dos últimos anos, em escala mundial. Na década de setenta ainda era marcada a especialização dos mercados, mesmo na Europa, nos Estados Unidos e no Japão. Era possível importar quase qualquer produto, mas não era usual. Hoje, na grande maioria dos países, há lojas, especializadas ou não, ofertando produtos de quase todo o mundo. Não é preciso mais viajar para comprar os produtos mais sofisticados da informática ou o artesanato africano e asiático ou ainda “delicatessen” culinárias do leste europeu. Há exceções, é claro. Principalmente os países menos desenvolvidos e com moedas não conversíveis ou taxas de câmbio fixo, que apresentam grandes dificuldades para importar.

Longe se está, porém, de um mercado livre de bens e serviços a nível mundial. Há sérias diferenças entre países mais desenvolvidos

e entre países mais e menos desenvolvidos. Todos querem a eliminação de todas as barreiras comerciais, menos as próprias. A Europa, os Estados Unidos e o Japão mantêm barreiras, tarifárias ou não, para diversos produtos, ao mesmo tempo em que pressionam os menos desenvolvidos a diminuir seu protecionismo. Os países menos desenvolvidos têm o temor de uma maior abertura que venha eliminar as suas ainda incipientes indústrias.

Há áreas tradicionais de comércio bastante conflituosas, entre as quais destaca-se a agricultura. É fácil entender por que. Há maior especialização na indústria, especialização que foi precedida pela expansão das multinacionais. Há conflitos, claro, predominantemente entre países mais desenvolvidos. Na agricultura, há menor especialização e, além disso, os países mais desenvolvidos mantêm sua agricultura com elevados subsídios. As conseqüências para os países menos desenvolvidos são dramáticas. Não só não conseguem exportar o suficiente para atender suas necessárias importações de bens manufaturados, como, às vezes, são pressionados a importar os mesmos produtos agrícolas que exportam. Como a agricultura tem peso relativamente mais elevado nesses países, as implicações em termos de emprego e renda atingem uma parcela substancial da população e são uma das causas da pobreza que apresentam. Apesar de se ter chegado a alguns compromissos no final da rodada do Uruguai, pouco se avançou, no geral (Ingco, OECD,). Esta, incidentalmente, foi uma das motivações para as barricadas de Seattle e as perspectivas parecem pouco animadoras para os próximos anos. Há ainda conflito entre a Europa, os Estados Unidos e o Japão em relação aos subsídios agrícolas, as políticas de competição e de anti-dumping.

Uma questão relacionada refere-se à melhor estratégia em um cenário de teoria dos jogos. Embora a estratégia de abertura global traga os maiores benefícios sociais para todos os participantes

pode não constituir um equilíbrio de Nash (Sampaio, 1998). Nestas circunstâncias a abertura unilateral, como vem sendo pregada por órgãos internacionais para os países em desenvolvimento, pode não ser a melhor estratégia, a depender da situação particular de cada país.

Outras áreas de conflito envolvem aspectos e produtos não tradicionais, como o comércio eletrônico, padrões de trabalho e serviços ligados ao turismo, como áudio-visuais e transporte aéreo. Essas são questões não previstas na rodada do Uruguai mas que podem, progressivamente, ser negociadas.

De modo geral, o comércio de bens e serviços está bastante globalizado, mas não se antevê a eliminação dos conflitos remanescentes em um período breve. Na agricultura, subsídios e barreiras devem ser mantidos enquanto, por questões de segurança alimentar ou de preservação de uma parcela de população no campo, não for possível conferir competitividade com renda mínima aos agricultores dos países mais desenvolvidos.

#### 4. *As Migrações Internacionais*

Fluxos migratórios sempre foram elemento de interpenetração cultural e de equalização de rendas. Nos primórdios da revolução industrial, excedentes populacionais sem emprego e de baixa renda, buscaram oportunidades em países mais promissores, freqüentemente com fronteiras em expansão, como os Estados Unidos, a Austrália, a Nova Zelândia, o sul do Brasil, a Argentina e o Chile, entre outros. Esses fluxos, como vasos comunicantes, aliviavam tensões nos países de origem e viabilizaram expansão econômica nos países de destino. Com a globalização, como usualmente se diz, nunca foi tão fácil e barato viajar. Mas continua sendo difícil migrar, principalmente se não se tem renda, nível

educacional elevado e se tem origem em áreas rurais. É possível falar-se em globalização de bens e serviços, incluindo matérias primas e capital, se as pessoas enfrentam barreiras a migrar?

As conseqüências são claras. A divisão internacional dos mercados de produção requer ajustes nos mercados de fatores e transfere as correspondentes rendas. O trabalho e sua remuneração, isto é, o emprego e a renda, devem fluir na direção das especializações. Este elemento equalizador, as migrações, é essencial para diminuir as gritantes disparidades entre países. Se vedado, implica em transferências de bens e recursos de um lado, deixando desemprego e miséria em outras áreas. Atividades que não apresentem competitividade em um país devem ser fechadas, mas o que fazer com as pessoas desempregadas e sem renda? A migração é uma saída natural, dos países que cedem atividades para os países maiores beneficiários da nova divisão espacial determinada pela globalização. Sem esse elemento equilibrador quase toda a justificativa para a globalização – um mundo mais rico, mais eficiente, mais justo e mais igual – perde-se. Argumentos em favor das chamadas vantagens competitivas e comparativas são válidos, mas limitados, se não ocorrer mobilidade do trabalho ao lado da dos outros fatores de produção.

Uma questão assemelhada é a da nacionalidade. Afirmações de nacionalidade, de pureza étnica, como ocorre atualmente na Europa, são a negação da globalização. Quando as fronteiras se esmaecem, a soberania nacional e a cidadania devem ceder paulatinamente espaço a um estado mais global, ainda inexistente, e a uma cidadania mundial, dando lugar ao “cidadão do mundo”. De certo modo, isto está a ocorrer em partes da Europa, mas com exclusão dos não-europeus. A não-aceitação dos estrangeiros, mesmo quando migrantes estabelecidos, e a volta de idéias de superioridade racial, são sintomas bastante preocupantes para uma

real globalização. Conflitos raciais, étnicos, religiosos pululam em todo o mundo. É possível falar-se, volto a insistir, em globalização nessas condições?

### 5. O Mercado de Capitais de Risco

Esta é das áreas atualmente mais controversas da globalização. Ao contrário do comércio de bens e serviços e das migrações, não há quase barreiras aos fugidios capitais de risco. A facilidade de comunicação possibilitou a inter-conecção das bolsas (de valores, mercadorias, futuros, etc.) em todo o mundo. Com essa facilidade, os recursos fluem, do dia para a noite, em grandes volumes, entre países.

Os economistas reconhecem que a teoria econômica desenvolveu-se voltada para a análise da produção e comércio de bens escassos, adicionando-se, aos poucos, modelos monetários (com moeda). Mas não há uma teoria estabelecida para análise do mercado de capitais de risco. James Tobin, prêmio Nobel de economia, reconhece que “a liberalização e desregulamentação das transações financeiras internacionais tem ajudado o progresso econômico nos países em desenvolvimento, mas diminuem a soberania monetária, particularmente dos países com taxas fixas de câmbio. Quando bancos privados e empreendedores podem tomar empréstimos em qualquer valor, duração e moeda que escolham, criam obrigações futuras para as reservas do país, forçando, como conseqüência, governos e bancos centrais a adotarem políticas fiscais e monetárias que sacrificam o crescimento para proteger as reservas” (1998).

Começa a surgir o consenso de que há necessidade de se criar instituições que regulem os fluxos dos capitais de risco, mas não se tem clareza em como fazê-lo.

Existem importantes diferenças entre os mercados financeiros e os outros mercados. Essas diferenças sugerem que, como bem colocou Stiglitz, “enquanto se acredita que a liberalização do comércio eleva o bem estar geral, o mesmo pode não ocorrer com os mercados financeiros” (1998). Sugere ainda que se há mecanismos reconhecidos para controle dos mercados de bens e serviços não há controles seguros para os mercados financeiros.

O nível de conhecimento é tão inicial que acredita-se que esses fluxos financeiros podem ser benéficos, por propiciarem oportunidades de investimento com recursos externos, mas desde que permaneçam por um período mais prolongado no país. O risco de fluírem com rapidez existe, sendo esta, inclusive, uma estratégia de obter ganhos pressionando a paridade das moedas. Por outro lado, tentativas de estabelecimento de tempo mínimo de permanência e de taxaço de ganhos têm sido ineficazes. A supervisão e o comportamento do sistema bancário tem de ser reforçados como pré-condição para convivência com os riscos decorrentes da globalização dos mercados de capitais. Enquanto isto não ocorre, a recomendação tem sido no sentido de uma abertura lenta e gradual dos mercados de capitais.

Retomando a questão dos ganhos e perdas, a expansão dos fluxos de capital ocorrida nos anos noventa permitiu superar as severas restrições externas que empurraram a América Latina para recessão nos anos oitenta. Mas, por outro lado, trouxeram efeitos não esperados sobre as taxas de câmbio, o balanço de pagamentos e o controle sobre a emissão de moeda e grande vulnerabilidade a choques externos. Em boa medida essas conseqüências negativas resultam de processos ainda recentes de estabilização e da carência de instrumentos adequados de supervisão do sistema bancário e de controle dos fluxos de capital.

Em resumo, há algum consenso quanto à necessidade de regulação mas muitas dúvidas, inclusive quanto aos modelos de análise adequados para identificar as possíveis conseqüências nas e das políticas fiscais e monetárias.

### 6. Conclusões

A globalização é um fenômeno novo, distinto da internacionalização que a antecedeu. Ao permitir a transferência, a tempo, de bens, serviços, capitais e pessoas aponta na direção da liquefação das fronteiras e no surgimento de um cidadão do mundo. Este tempo ainda está por vir. Há muitas restrições vigentes no comércio de bens e serviços, com destaque para os produtos agrícolas e novos mercados, como o comércio eletrônico. Pouco se avançou no sentido de permitir o livre fluxo de pessoas, exceto como turistas, e minimizar as diferenças sociais, étnicas e religiosas. Há enorme perplexidade no mercado de capitais de risco quanto às vantagens da globalização e suas conseqüências na economia e nas políticas. Há clareza quanto à necessidade de regulamentação mas não sobre como exercê-la.

De modo geral, a globalização tem ampliado a oferta de bens e serviços, uma conseqüência positiva. Tem agilizado e democratizado o acesso à informação e possibilitado o deslocamento das pessoas a um baixo custo. Todos esses são resultados que melhoram a qualidade de vida.

Mas a especialização tem favorecido determinadas áreas que reuniam condições mais adequadas ao novo contorno dos mercados globais. Em conseqüência, a circulação da riqueza se tem feito com reforço das disparidades existentes entre países, com algumas poucas exceções. Tem agravado a situação dos que perdem o emprego e a renda devido à transferência de suas atividades sem que tenham a

possibilidade de migrar para áreas com crescimento mais elevado ou que existam programas de benefícios que amenizem a transição. Caso houvesse flexibilidade plena de bens, serviços, empregos e pessoas, é possível que ao final do processo quase todos estivessem em melhor situação, o que em economia se chama eficiência de Pareto, mas dadas as restrições existentes não existe tal segurança. Uma política de não-abertura unilateral pode, em muitos casos, ser a melhor estratégia.

Em duas áreas há pouco conhecimento sobre as conseqüências da globalização. No mercado de capitais não há clareza sobre o balanço entre vantagens e desvantagens, pelo menos enquanto não existirem mecanismos adequados de controle dos fluxos. No aumento do fluxo de bens e serviços não há ainda uma visão clara sobre a perda de identidade de cada país em favor de uma maior homogeneidade global. Este risco é tanto maior quanto mais frágil for a identidade cultural.

A globalização é inevitável, mas não tão rápido quanto alguns querem crer – há muitos entraves e barreiras, determinados por interesses locais. Andou-se mais rápido nas comunicações, criando problemas ainda pouco equacionados, como o comércio eletrônico, menos rápido no mercado de produtos agrícolas e menos ainda no fluxo permanente de pessoas. Se as vantagens podem ser grandes, os riscos e custos atuais também o podem. A abertura deve ser gradual e orientada por análises claras das vantagens e desvantagens para cada participante.

7. *Bibliografia*

- Federal Reserve Bank of Saint Louis, Multilateral Trade Negotiations: Issues for the Millenium Round, 82 (4), 2000.
- French-Davis, Ricardo. *Reforming the Reforms in Latin America: Macroeconomics, Trade, Finance, trabalho* apresentado na LASA, Chicago, 1998.
- Ingco, Merlinda D., *Agricultural Trade Liberalization in the Uruguay Round: One Step Forward, One Step Back?*, Texto para Discussão, Banco Mundial, 1995.
- OECD, *Les Perspectives Agricoles*, 1997-2001, Paris, 1997.
- Sampaio, Yony, *Globalisation, the Theory of Second Best and Agriculture Trade Policy*, in *International Symposium on Globalization and AgriFood Systems*, 1998.
- Schott, Jeffrey J., *Toward WTO 2000: a Seattle Odyssey*, *Federal Reserve Bank of Saint Louis Review*, 82 (4), julho/ agosto, 2000.
- Schreiber, Jean Jacques. *O Desafio Americano*, 1967.
- Stiglitz, Joseph E., *Annual World Bank Conference on Development Economics*, opening address, [www.worldbank.org/html/rad/abcde/index.htm](http://www.worldbank.org/html/rad/abcde/index.htm).
- Tobin, James, *Annual World Bank Conference on Development Economics*, keynote address, [www.worldbank.org/html/rad/abcde/index.htm](http://www.worldbank.org/html/rad/abcde/index.htm).

## FILOSOFIA E CRÍTICA LITERÁRIA